É infografia ou ilustração? Estudo de caso da reportagem "O risco de sumir da mão do crime" sobre desaparecidos no Ceará[1]

Ana Luiza Braga de SOUZA[2]
Ricardo Jorge de Lucena LUCAS[3]
Universidade Federal do Ceará - UFC, Fortaleza, CE

RESUMO

As representações visuais de "O risco de sumir na mão do crime", reportagem que aborda o desaparecimento de pessoas devido à conflitos entre grupos criminosos no Ceará, do jornal "O Povo", deram início a pesquisa desenvolvida neste artigo. Diante de ilustração, entrada de texto e números da reportagem surgiram as indagações: estes elementos são infografias ou ilustrações? Como podemos distinguir essas representações visuais? Para respondê-las, neste estudo de caso, realizamos uma revisão bibliográfica. A partir das interpretações de Lucas (2010) e das classificações de Borrás e Caritá (2000) e Sancho (2001), pudemos perceber que as representações presentes na matéria são, de fato, apenas ilustrações, pois a infografia no jornalismo pressupõe informação e deve ser categorizada de acordo com seu potencial informacional.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; infografia; ilustração.

INTRODUÇÃO

A reportagem "O risco de sumir na mão do crime" do jornal "O Povo" de Fortaleza, no Ceará, aborda o desaparecimento de pessoas em comunidades invadidas por facções no estado. Publicada no dia 13 de junho de 2018, seu teor investigativo revela a relação entre pelo menos 26 assassinatos e a disputa entre grupos criminosos rivais na Região Metropolitana de Fortaleza. Em especial, "O risco de sumir na mão do crime", nos chamou atenção por seu caráter visual. Na concepção gráfica da matéria encontramos, no decorrer de duas páginas, uma ilustração de um corpo, traços e setas, entrada de texto, e números em destaque. Além da utilização de cores, densas e foscas, o que pode representar morte, sofrimento e alerta. Interessados em compreender a percepção de estudantes de cursos de graduação em jornalismo diante dessas

[1] Trabalho apresentado na IJ 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

[2] Graduanda do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFC, e-mail: analuizabragas@gmail.com.

[3] Orientador do Trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFC, e-mail: ricardo.jorge@gmail.com.

representações visuais (ilustração, entrada de texto e números), efetuamos um questionário simples entre os alunos de universidades de Fortaleza.

No formulário, realizado através da plataforma *Forms*, do *Google* e intitulado "Infografia no Jornalismo", explicamos que o objetivo das perguntas seria conhecer a capacidade dos estudantes de jornalismo em identificar o uso de infográficos ou não em uma reportagem. As perguntas elaboradas foram: 1) Você cursa ou já cursou a disciplina de "Jornalismo Infográfico" durante sua graduação em jornalismo?; 2) Se sim, essa disciplina faz parte da grade curricular obrigatória do seu curso?; 3) Quanto a reportagem "O risco de sumir na mão do crime", você acredita que as representações visuais utilizadas podem ser classificadas como infográficos? e 4) Se possível, justifique.

Recebemos apenas oito respostas, em quatro dias que o fomulário esteve aberto. O número é baixo, mas nos permitiu chegar aos seguintes resultados: 1) Dos oito estudantes, seis (75%) não cursaram a disciplina de Jornalismo Infográfico. Dois estudantes (25%) cursaram a disciplina. 2) Seis estudantes (75%) afirmaram que a disciplina de Jornalismo Infográfico era optativa. Dois estudantes (25%) afirmaram que disciplina era obrigatória.

Diante da terceira pergunta "você acredita que as representações visuais utilizadas podem ser classificadas como infográficos?", a maioria dos estudantes (87,5%, o que equivale a sete dos alunos submetidos ao questionário) respondeu "sim". A minoria (12,5%, o que equivale a um dos estudantes submetidos ao questionário) respondeu "não". Através da quarta pergunta, que pedia uma justificativa a resposta anterior, pudemos conhecer os motivos pelos quais os graduandos responderam dessa forma. Alguns consideraram que apenas pela utilização combinada de elementos "visuais/gráficos e números", as representações visuais seriam infográficos. Outros consideraram haver "interatividade", entre as representações visuais e o texto da reportagem. Entretanto, a justificativa da única resposta negativa é a que nos pareceu ser válida. O aluno nos apontou "só tem ilustração e números" e "falta informação".

A percepção desse estudante, de que os infográficos vão além da simples utilização de ilustrações, entradas de textos, números, aliada a pouca compreensão dos

estudantes sobre os infográficos, expressa a partir das respostas ao formulário, nos levou aos seguintes questionamento: as representações visuais na reportagem "O risco de sumir na mão do crime" são verdadeiramente infografias ou apenas ilustrações? Como podemos distinguir essas representações visuais? Quais classificações podem servir de base para categorizar as infografias?

Para responder tais indagações, nesse estudo de caso, realizamos uma revisão bibliográfica que buscou entender o que os estudos anteriores definem como infografia, abordando também uma breve história dos infográficos no jornalismo. Ainda dentro da revisão bibliográfica, encontramos as contribuições de Lucas (2010), no tocante à falta de familiaridade dos estudantes diante da infografia no campo jornalístico. E por fim, chegamos às classificações desenvolvidas por Borrás e Caritá (2000) e por Sancho (2001), fundamentais para compreender a distinção entre demais representações visuais e infográficos. Sendo assim, partiremos do ponto inicial, respondendo a pergunta: afinal, o que é infografia?

Infografia: informação ilustrada

Segundo Cairo (2008), o termo infografia é de origem anglo-saxônica e deriva da palavra infográficos, abreviação da expressão *information graphics*. Em outras palavras, a infografia é a junção da linguagem escrita e visual, e, por conta dessa propriedade, ela capaz de ativar os dois hemisférios do cérebro humano. "*Information graphics generally stimulate more brainpower because they appeal to both the literal and visual regions of the brain*" (GEORGE-PALILONIS, 2006, p.3). Segundo Lucas (2011), o gráfico publicado em 7 de abril de 1806, no The Times, com o título de "Mr. Blight‟s House", pode ser considerada a primeira infografia de teor jornalístico. Ele trazia, a planta da casa do sr. Bling e os passos do assassino até o local do crime. De Pablos (1999) aponta que um marco na história dos infográficos foi a Guerra do Golfo (1990 - 1991), por ter sido a primeira televisionada e precisar de informações visuais para suprir a falta de imagens. Entretanto, Lucas (2011) defende que a necessidade da utilização de informações visuais é anterior a este período.

Acreditamos, que segundo Lucas (2011), os infográficos existam desde antes do período "pré-informático". Entretanto, devido às dificuldades de publicação o uso dessa

ferramenta era recurso pouco utilizado. Para o autor, as guerras tiveram papel fundamental no avanço do uso da infografia, "conflitos bélicos de grande proporção "forçam" os jornais a usarem textos gráfico-visuais em suas páginas" (LUCAS, 2011, p.6). Segundo pesquisa bibliográfica realizada por Lucas (2011), em um primeiro momento, a utilização da infografia jornalística esteve fundamentada nas notícias de última hora ou *breaking news*, como acidentes, atentados e conflitos. Já na década de 70, a maioria dos jornais norte americanos possuía um profissional destinado à infografia. Foi nessa época que os departamentos de arte passaram a fazer parte da estrutura redacional. Entretanto, apenas a partir da década de 80 foi que os infográficos e ilustrações ganharam maior papel nas publicações impressas. Foi quando surgiu a infografia em cores, trazida pelo jornal USA Today, em 1982.

Com o avanço da tecnologia e o desenvolvimento do computador na década de 80, "a produção infográfica, que antes era artesanal, industrializou-se com a adoção de computadores Mac, que facilitaram o processo de produção dos infográficos" (MODOLO, 2010, p. 22). Dessa forma, a feitura dos infográficos deixou de ser manual passou a ser feita por computador. De acordo com Lucas (2011), a informatização foi o fator que popularizou o uso da infografia. Se antes essa ferramenta era limitada às *breaking news*, a agilidade da produção computadorizada permitiu que os infográficos estivessem presentes também em outras áreas do jornalismo, como na parte de serviço, divulgação científica e esportes, por exemplo.

No Brasil, segundo Prado (2005), a técnica da infografia foi utilizada pela primeira vez em 1925, pelo jornal "O Globo". Ao lado do jornal, revistas como "Superinteressante", de 1987, e "Mundo Estranho", de 2003, do Grupo Abril, também são citadas como marcos na história da infografia. Entretanto, Lucas (2011), afirma que o material gráfico-visual em Vida Fluminense, publicado em 1860, constituí "alguns exemplos gráfico-visuais que podem ser considerados como fazendo parte dos primórdios da infografia na imprensa brasileira" (LUCAS, 2011, p. 2). Atualmente, o "Nexo Jornal", veículo de jornalismo eletrônico, ganha destaque na produção de infográficos, tendo sido vencedor em 2018 do Malofiej Infographic World Summit,

premiação internacional de infografia, organizada pela Society for News Design (SND).

No jornalismo

A infografia ganhou espaço definitivo no jornalismo a partir do século XX. Segundo Módolo (2010), atualmente, a Espanha é o principal polo de infografia, seguida por EUA, Argentina e Brasil. O caráter visual é um destaque para utilização dos infográficos no jornalismo, pois "eles podem ser lidos em pouco tempo, sendo predominantemente visuais, e apresentando-se de forma um pouco mais fácil de ser compreendida por uma maior parcela da população" (MODOLO, 2010, p. 18). Para além do visual (como ícones, fios, cores etc.), Lucas (2010) indica outros elementos que constituem as infografias:

- textos didáticos (têm aspecto explicativo e/ou narrativo);
- fotografias e desenhos (mostram personagens, locais ou situações);
- textos-citação, imagens-citação alográficas e transtextos manipulados (falas de autoridades, cópias de documentos, distorções de imagens, para exemplificar respectivamente).
- gráficos, tabelas, diagramas.

A pesquisadora Teixeira (2007), afirma que quando há necessidade explicar algo de forma clara e, sobretudo, quando o texto não é o suficiente, o infográfico é utilizado. Já o professor Valero Sancho (2000 apud CAIRO, 2008, p.21) classifica a infografia como "uma contribuição jornalística, realizada com elementos icônicos e tipográficos, que permite ou facilita a compreensão dos acontecimentos". A utilização dos infográficos no jornalismo pode dar-se ainda para melhorar a qualidade da informação, segundo Teixeira (2006). "O recurso, quando bem empregado, pode melhorar substancialmente a narrativa jornalística e torná-la mais compreensível aos leitores, além de ser atrativo" (TEIXEIRA, 2007, p. 114).

Os infográficos, para Módolo (2010), atendem a nova geração de leitores, que é predominantemente visual e que busca compreender a notícia de forma prática e rápida. E os elementos visuais, os infográficos e ilustrações, segundo M. Scalzo (2004), são importantes para decisão do leitor de ler ou não o resto da matéria. Entretanto, segundo

Lucas (2010), há, no campo jornalístico uma falta de familiaridade com a infografia, não havendo conhecimento, por parte de estudantes e profissionais do jornalismo se os infográficos constituem um gênero, um subgênero jornalístico ou apenas um recurso visual utilizado pelos jornalistas.

Apesar de haver consenso de que a infografia é uma nova modalidade do jornalismo, segundo Lucas (2012), este desinteresse pelos infográficos pode levar a confusão entre infografia e outras representações visuais. Não é por acaso que os estudantes submetidos às perguntas do nosso formulário não souberam identificar distinguir uma representação visual, com ilustração, entrada de texto e números, de um infográfico. Uma vez que, em um levantamento realizado em 2010, o professor Ricardo Jorge Lucas, não encontrou nenhuma disciplina "estritamente ligada à infografia, mas geralmente o assunto se constituía em uma unidade de disciplinas como Planejamento Gráfico" (LUCAS, 2010, p.7). Em síntese, percebemos que, na percepção dos estudantes, as infografias são confundidas e misturam-se com outras formas gráfico-visuais.

Portanto, acreditamos que seja necessário enfatizar: a infografia no jornalismo pressupõe informação. Os infográficos não são apenas ilustrações, desenhos e fotografias, além de abarcar elementos como títulos, textos de abertura e explicações descritas, a infografia deve somar informação ao texto jornalístico, segundo Rinaldi (2007). Para Lucas (2010) a infografia é uma explicação, uma proposição a respeito da realidade noticiada. Eles respondem perguntas do lead jornalístico, segundo Sancho (2001), através de elementos como ilustrações, gráficos e fios e setas.

Uma vez apresentados os conceitos da infografia, partiremos para as classificações das infografias propostas por Borrás e Caritá (2000) e Valero Sancho (2001). Acreditamos que estas classificações são pertinentes para auxiliar na distinção entre ilustrações e infografias, uma vez que categorizam a infografia de acordo com o caráter informacional de seus elementos constituintes.

As classificações

Como já discutimos, os infográficos são responsáveis pela compreensão da informação. "As características mais básicas da infografia jornalística são proporcionar

significado a uma informação; permitir a compreensão dos fatos; conter informações escritas com formas tipográficas e, além disso, ter elementos visuais precisos" (RINALDI, 2007, p. 7). Nesse sentido, concordamos com Minervini e Pedrazzini (2004), quando afirmam que a infografia é uma forma de dar significado à informação.

> A infografia é empregada, no jornalismo atual para descrever um processo, uma seqüência ou, ainda, para explicar um mecanismo complicado de visualizar ou dimensionar um fato. Não obstante, não surge com a intenção de substituir a fotografia, mas sim complementar a informação dos outros elementos tanto gráficos como textuais da página (apud QUADROS, 2005, p.2).

Todavia, autores, como Meyer (1997), afirmam que na prática, as ilustrações dos infográficos são mais artísticas do que informacionais. Empenhadas em distinguir infografias quanto ao aspecto descritivo e narrativo, as autoras argentinas Borrás e Caritá (2000), classificam as infografias em: Infototal, Inforrelato e Infopincel. Infopincel é o nível menos informativo. No Infopincel a infografia é parcial ou escassamente informativa, ela apenas mostra e descreve o objeto representado. O Inforrelato, um pouco mais informativo, mostra como ocorreu uma 'dada situação". Já o Infototal corresponde ao nível mais informativo. Nele, todas as perguntas básicas do jornalismo são respondidas, estão presentes os antecedentes e as consequências do fato, sendo a infografia totalmente informativa e narrativa. Esta classificação nos ajuda a compreender ainda mais que nas infografias, as imagens devem ser informativas, não apenas ilustrativas.

Já Sancho (2001), ao lado de outros autores da língua espanhola (DE PABLOS, 1999), enxerga a infografia conforme seu caráter jornalístico. Sancho (2001), propõe uma avaliação qualitativa das infografias. Essa avaliação utiliza uma série de parâmetros que, ao serem somados, são capazes de avaliar as virtudes, qualidades, defeitos presentes em uma infografia, como é possível observar na tabela a seguir:

Tabela 1: Tabela quantitativa de características qualitativas de uma infografia.

Conceitos	Prop. 1	Prop. 2	Prop. 3	Prop. 4
Informação	Que? Quem? (1)	Quando? (1)	Onde? (1)	Como? Por que? (1)
Significação	Assunto-chave (1)	Familiaridade (1)	Identificação (1)	Atualidade (1)
Compreensão	Visível, é identificável visualmente(1)	Legível, se entende (1)	Clara, simples (1)	Didática, se aprende (1)
Estética	À mão (1)	Enfeites, detalhes (1)	Dinamismo (1)	Original, criativa (1)
Iconicidade	Abstração (1)	Figuração plana (2D) (1)	Figuração perspectiva (3D) (1)	Fotografia (1)
Tipografia	Título (1)	Crédito ou fonte (1)	Caixa de texto, menos de 27 palavras (1)	Rótulos, legendas (1)
Funcionalidade	Síntese (1)	Complementa a informação (1)	Proporção da página (até 1)	Proporção de informações (até 1)

Fonte: José Luis Valero Sancho. La infografia - técnicas, análisis y usos períodistícos. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2001: p. 13

Sancho (2001) também é responsável pela formulação de um cálculo matemático de avaliação das infografias. Das classificações de Sancho (2001), gostaríamos de destacar especialmente as categorias que não se configuram como infografias.

> "No se consideran infografías:
>
> 1. Las que sólo son infogramas, como mapas sin título, aunque pueden informar o ubicar algo en un determinado contexto.
> 2. De esta clasificación escapa todo lo que sean agrupaciones de unidades gráficas elementales como conjuntos no articulados de ilustraciones, iconos, fotografías, textos, fotomontajes, collages, etc., que no superarían el nivel mínimo en varias propiedades de las características.
> 3. Cuando no hay ninguna imagen o ningún texto, salvo créditos o fuentes.
> *4. Cuando la imagen no tiene interés informativo.*
> 5. Cuando una característica tiene valor cero, salvo en el caso de la estética.
> 6. Las tablas de textos o números con algún orden, aunque se soporten en fondos ilustrados o una de las filas o columnas tenga símbolos icónicos." (grifo nosso, 7-269)

Objeto da análise

O objeto do nosso estudo de caso, a reportagem "O risco de sumir na mão do crime", publicada em 13 de junho de 2018, pelo jornal "O Povo", narra histórias de pessoas desaparecidas no Ceará. O fenômeno do desaparecimento ganha um enfoque diferente na matéria, pois todos os personagens sumiram após algum grau de

envolvimento, seja por denúncia ou por dívidas, com as facções presentes no estado. A investigação desenvolvida na reportagem revela a relação entre pelo menos 26 assassinatos e a disputa entre grupos criminosos rivais na Região Metropolitana de Fortaleza. Em "O risco de sumir na mão do crime", o caráter visual chama atenção. A concepção gráfica de "O risco de sumir na mão do crime" é de responsabilidade de Gil Dicelli, editor-executivo do Núcleo de Imagem, do jornal. As ilustrações são de Carlus Campus. Destacamos aqui, a preocupação do jornal com as questões estéticas e o design da notícia. "O Povo" já conquistou prêmios como prêmio internacional ÑH, da Society for News Design, no ano de 2018.

Ao longo da da matéria, como observamos na Figura 1, encontramos, nas representações visuais, uma ilustração de uma figura aparentemente humana. A ilustração representa um uma figura masculina deitada, próximo a cabeça do corpo há respingos que provavelmente representam sangue. Pela postura da figura ilustrada e pelos respingos representando sangue, podemos afirmar que a representação visual busca representar um homem morto. As cores, vermelho, amarelo e roxo, são densas e foscas, o que pode representar morte, sofrimento e alerta. O corpo é preenchido com traços e setas que lembram caminhos, , neles estão grafadas as palavras "corpo", "dor", "peleja", "tráfico", "drogas", "morte" "facção", "menor" e etc., que podem ser considerados como representações da realidade dos desaparecidos.

Figura 1: Fotografia das páginas da reportagem "O risco de sumir na mão do crime".

8 VIOLÊNCIA
TERRITÓRIO DOS DESAPARECIDOS

O RISCO DE SUMIR NA MÃO DO CRIME

| COTIDIANO | A história de duas jovens em Caucaia, na Região Metropolitana de Fortaleza, revela um rastro de pelo menos 26 assassinatos e o fenômeno do desaparecimento de pessoas nas comunidades invadidas pelas facções no Ceará

LEIA AMANHÃ

Estatísticas, Sem detalhamento
Número de desaparecidos cresceu de 2016 para 2018

HOMICÍDIOS
522 crianças/adolescentes foram mortos no Ceará em 2017
48 foram assassinados, no ano passado, em Caucaia, na Região Metropolitana de Fortaleza
15 foram assassinados por crimes violentos de 2018 em Caucaia

Risco, Proteção
Testemunhas não tiveram proteção após depoimento

SEM B.O.

Execução, Corpo decepado
Africano desaparecido foi enterrado no piso de uma casa

REPORTAGEM 9

OS PASSOS DA BARBÁRIE

Fonte: Arquivo Pessoal.

Além da figura, há traços nas cores preto, amarelo, cinza e vermelho, outra vez indicando caminhos seguidos. No traço amarelo está o “abre” da reportagem, no preto fica inserida uma coluna com o número de homicídios, no vermelho uma caixa de texto chama atenção para os casos que não foram registrados nas Delegacias de Polícia, “sem B.O”. Há ainda, na margem direita uma coluna amarela com um passo a passo dos casos de desaparecidos.

Entretanto, não identificamos, nas representações visuais, informações com aspecto explicativo ou narrativo. Percebemos que há na margem direita, uma faixa com o “passos da barbárie”, mas a representação visual, nesse caso composta por uma caixa de texto/faixa amarela, é completamente textual. Caso fossem retirados das páginas do jornal a figura, as entradas de texto, as faixas coloridas, o leitor seria capaz de compreender a complexidade dos desaparecimentos somente através da leitura do texto jornalístico. Também não há, nas representações visuais, elementos que auxiliem o

leitor compreender a notícia de maneira prática e rápida, como fotografias, falas de autoridades, cópias de documentos; desenhos que mostram locais ou situações; muito menos gráficos, tabelas e diagramas. Em síntese, as representações visuais em "O risco de sumir na mão do crime" são mais decorativas do que informativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, respondemos aqui as indagações iniciais deste artigo: primeiro, através do estudo de caso, descobrimos que as representações visuais da reportagem "O risco de sumir na mão do crime", do jornal "O Povo" constituem-se, de fato, como ilustrações e não como infografias. Tais representações visuais, como ilustração, entrada de texto e números, são elementos constituintes das infografias, entretanto, a simples utilização deles não os configura como infografias. Primeiramente, porque, a nossa revisão de bibliografia indica que, as representações visuais não possuem "interés informativo", segundo a categorização de Sancho (2001), e tem caráter "parcial ou escassamente informativa", segundo Borrás e Caritá (2000). Isto significa que: elas não possuem carácter informativo, seu caráter visual (como ícones, fios, cores etc.) não funciona como resposta a nenhuma pergunta do lead.

Além disso, quanto ao segundo questionamento, identificamos que os podemos diferenciar as ilustrações das infografias através de seu sentido explicativo. A infografia têm aspecto narrativo, ela apresenta locais, situações e personagens, através de textos didáticos, fotografias, cópias de documentos, gráficos, etc. Já as ilustrações têm caráter decorativo. Sendo assim, enquanto que utilização dos infográficos segue as funções lógicas dos acontecimentos jornalísticos, a utilização da ilustração não chega a facilitar a compreensão dos acontecimentos narrados na reportagem, sendo seu objetivo, majoritariamente, estético.

Quanto ao questionamento de quais classificações seriam base para categorizar as infografias, destacamos as classificações dos pesquisadores da área de Borrás e Caritá (2000) e Sancho (2001). Porque podemos afirmar que, além colaborar na distinção entre ilustrações e infografias, também elas refletem a ideia de que a infografia deve ser categorizada de acordo com o caráter informacional de seus elementos

constituintes. Para estes autores (BORRÁS e CARITÁ, 2000, e SANCHO, 2001), nas infografias, os elementos visuais não devem apenas somar ao texto jornalístico, elas devem ter aspecto descritivo e narrativo, podendo até mesmo substituir o texto jornalístico por completo. Nesse sentido, o Infototal de Borrás e Caritá (2000), corresponde à a todas as perguntas base do jornalismo. Já na classificação de Sancho (2001), a infografia é vista conforme seu caráter jornalístico. Segundo essa avaliação, as infografias devem ser as mais completas e úteis, no sentido informativo, possíveis.

Finalmente, nossa pequena revisão de bibliografia indica que a maior parte dos trabalhos desenvolvidos no âmbito da investigação e classificação da infografia foi produzida nos anos 2000. Percebemos que a continuidade de nossa pesquisa, através do estudo de caso de outros produtos gráficos, como as reportagens do "Nexo Jornal", por exemplo, pode nos auxiliar a compreender como a infografia como mecanismo jornalístico desenvolveu-se e adaptou-se à era dos *smartphones* e jornalismo digital. Além disso, as respostas dos estudantes ao nosso questionário, indicam que, apesar da bibliografia extensa (brevemente apresentada em nossa pesquisa), ainda há nos cursos de graduação de jornalismo no Ceará uma carência em relação ao estudo da infografia. Pretendemos, em breve, retomar a pesquisa a respeito da infografia no jornalismo, o que pode também auxiliar a preencher, mesmo que minimamente, a lacuna em relação a estudos nessa área desenvolvidos por e para estudantes de graduação dos cursos de jornalismo.

REFERÊNCIAS

BORRÁS, Leticia & CARITÁ, María Aurelia. "**Infototal, Inforrelato e Infopincel - nuevas categorías que caracterizan la infografía como estructura informativa**". In: Revista Latina de Comunicación Social, n. 35, novembro de 2000 [extra "La comunicación social en Argentina"],La Laguna: Tenerife (http://www.ull.es/publicaciones/latina/argentina2000/17borras.htm).

CAIRO, A. **Infografía 2.0: visualización interactiva de información en prensa**. Madrid: Alamut, 2008.

CAIXETA, R. **Infográficos sem segredos**. Jornal da ABI, Brasil: Edição 301, Páginas 3-6, julho/agosto-2005.

DE PABLOS, Jose Manuel. 1999. **Infoperiodismo. El Periodista como Creador de Infografia**. Madrid: Editorial Sintesis.

GEORGE-PALILONIS, Jennifer. **A Practical Guide to Graphics Reporting - information graphics for print, web & broadcast**. Burlington: Elsevier/Focal Press, 2006.

LUCAS, Ricardo Jorge de Lucena. **A infografia jornalística como recurso de visibilização da realidade da construção // The journalistic infographics as as visualizer construction of reality** - DOI: 10.5752/P.2237-9967.2012v1n2p177. Dispositiva, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 177 - 195, nov. 2012. ISSN 2237-9967. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/4308>. Acesso em: 12 abr. 2019. doi:https://doi.org/10.5752/P.2237-9967.2012v1n2p177.

LUCAS, Ricardo Jorge de Lucena. **Infografia jornalística: substituta progressiva do fotojornalismo?**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 87-98, abr. 2010. ISSN 1984-6924. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2010v7n1p87/12700>. Acesso em: 10 abr. 2019. doi:https://doi.org/10.5007/1984-6924.2010v7n1p87.

LUCAS, Ricardo Jorge de Lucena. **Hulk esmaga homenzinhos. Ou: do que ensinar na infografia para o Jornalismo e por quê**. (April de 2010). Trabalho apresentado no 13º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, Unicap (Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE, Brasil. Disponível em http://www.fnpj.org.br/soac/ocs/viewabstract.php?id=610&cf=19

LUCAS, Ricardo Jorge de Lucena. **"*Show don't tell*". A Infografia como Forma Gráfico-Visual Específica: da produção do conceito à produção de sentido**. Tese (Doutorado em Comunicação), UFPe: Recife, 2011.

MEYER, Erik K. **Designing Infographics**. Indianapolis: Hayden Books, 1997.

MÓDOLO, Cristiane Machado. **Infográficos na mídia impressa: um estudo semiótico na revista Mundo Estranho**. 2008. 167 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/89485>.

PRADO, F. C. **Infografia e comunicação: abordagem da revista Superinteressante em busca dos elementos responsáveis pela informação em um infográfico**. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2005.

QUADROS, Itanael. **A história e atualidade da infografia no jornalismo impresso**. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro. 2005.

RINALDI, M. **O uso da infografia no jornalismo científico brasileiro – estudo da revista Superinteressante**. Trabalho apresentado no VIII Congresso Brasileiro de Comunicação da Região Sul, 2007.

SANCHO, José Luis Valero. **La Infografía - técnicas, análisis y usos periodísticos**. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2001.

SCALZO, M. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

SILVA, A. **Carta ao Leitor**. Mundo Estranho, São Paulo: Edição 3, Página 6, abril 2002.

TEIXEIRA, T. **A presença da infografia no jornalismo brasileiro - proposta de tipologia e classificação como gênero jornalístico a partir de um estudo de caso**. Revista Fonteiras. Vol 09, n° 02. Unisinos, 2007, p. 111-120 167.

TEIXEIRA, T. **Inovações e desafios da linguagem jornalística – o uso dos infográficos na cobertura de Ciência, Tecnologia e Inovação**. Trabalho apresentado no IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR), 2006.